

Depois de ter atingido o vértice da celebridade com «Cem Anos de Solidão», García Márquez teve a coragem inconcebível de alterar a mão. É nessa linha que ele nos dá

# A luminosidade de Bolívar

José Cardoso Pires

**N**esta viagem final pelos labirintos da agonia o que me impressiona até ao deslumbramento já não é a figura admirável de Bolívar, mas a maneira como o romancista a descreve, acompanhando na sua aventura sem os estandartes do irreal e da magia que um herói tão lendário tende a sugerir fatalmente.

Depois de Cem Anos de Solidão o realismo fantástico de García Márquez ficou como uma marca dele e da literatura contemporânea. Sabemos isso, temos-lo presente na crónica do Tempo e da História que hoje se escreve. O realismo fantástico trouxe ao romance uma sintaxe narrativa carregada de liberdades e de imaginação, a razão é fundamentalmente essa. Um discurso que se sobrepõe à verdade imediata para a tornar mais real, e onde tempo, espaço e acção são lançados em



caudal, fora das coordenadas cartesianas da maneira de contar.

Mas não menos importante para mim é lembrar agora que, atingindo o vértice da celebridade, García Márquez altera a mão que o tornou único (tem essa coragem inconcebível); como que a retrai, mais austera; segue a outro ritmo de frase, a outra elongação, a outra luz. E surge O Amor nos Tempos

**“ Saiu da morte assumida, no último capítulo do livro, mas a olhar do seu leito de morte o diamante de Vénus que iluminava a noite. De morte assumida e rodeada de solidão como todos os grandes heróis de Gabriel García Márquez ”**

de Cólera, uma obra-prima onde o fantástico e o maravilhoso estão novamente presentes, mas agora em novas configurações.

É nesta linha que eu situo O General e O seu Labirinto. É por ela que García Márquez traça a viagem para a morte de Simão

Bolívar, rio Madalena abaixo. Segue esse general solitário e a luminosidade fantástica que ele irradia. Sabe-o por dentro, admira-o. Bolívar é um homem de letras que se fez general aos quarenta e sete anos, um libertador das Américas que acaba de cumprir o seu «outono de Patriarca» para entrar no inverno final, deixando para trás «um rasto de mais de quatrocentas léguas de livros e papéis». O mundo de amores e de guerras que este general viveu é, em si mesmo, o mundo mítico que o romancista tinha visionado noutros livros; está representado pelas mesmas selvas, pelos mesmos sortilégios e pelos mesmos torvelinhos de sangue e de vingança. «Como é que eu irei sair deste labirinto?» pergunta o libertador proscrito, ao recusar os últimos sacramentos.

Saiu da morte assumida, no último capítulo do livro, mas a olhar, do seu leito de morte, o diamante de Vénus que iluminava a noite. De morte assumida e rodeada de solidão como todos os grandes heróis de Gabriel García Márquez